



## MISCELÂNEA

Revista de Pós-Graduação em Letras

UNESP – Campus de Assis

ISSN: 1984-2899

[www.assis.unesp.br/miscelanea](http://www.assis.unesp.br/miscelanea)

*Miscelânea*, Assis, vol.7, jan./jun.2010



# O JOVEM JORGE LUIS BORGES E A LINGUAGEM *UNIVERSAL-CRIOLLA* DE SUA BUENOS AIRES MÍTICA

Santo Gabriel Vaccaro  
(Doutorando — UFSC)

## RESUMO

Borges, ao regressar a Argentina em 1921, encontra uma Buenos Aires em acelerado crescimento modernista, mas sofrendo uma das consequências mais funestas de tal processo: a carência de identidade nacional. Para remediar essa ausência, o escritor escolhe diversos elementos culturais da tradição literária argentina e elabora um novo mito, que recriando um espaço, o arrabalde, e uma personagem, o compadre, outorga aos cidadãos portenhos uma identidade comum onde a coragem é símbolo de argentinidade à maneira do gaúcho para os habitantes do pampa. Esta mitologia é acompanhada de uma nova língua, a língua de Buenos Aires, onde o oral e o escrito, o regional e o universal, aproximam-se e dão lugar, junto a uma singular visão literária, linguística e filosófica, ao *criollismo* universal borgeano, espaço onde sua biblioteca europeia e seus bairros simples se confundem e fundem em um mesmo patamar.

## PALAVRAS-CHAVE

Jorge Luis Borges; Língua de Buenos Aires; *Criollismo* universal.

## RESUMEN

Borges, al regresar a Argentina en 1921, encuentra una Buenos Aires en acelerado crecimiento modernista, pero sofrendo una de las consecuencias más funestas de tal proceso: la carencia de identidad nacional. Para remediar esa ausencia, el escritor escoge diversos elementos culturales de la tradición literaria argentina y elabora un nuevo mito que recreando un espacio, el arrabal, y un personaje, el compadre, otorga a los ciudadanos porteños una identidad común donde el coraje es símbolo de argentinidad a la manera del gaucho para los habitantes de la pampa. Esta mitología es acompañada de una nueva lengua, la de Buenos Aires, donde lo oral y lo escrito, lo regional y lo universal, se aproximan y dan lugar, junto a una singular visión literaria, linguística y filosófica, al *criollismo* universal borgeano, espacio donde su biblioteca europea y sus barrios simples se confunden y funden en un mismo plano.

## PALAVRAS-CLAVE

Jorge Luis Borges; Lengua de Buenos Aires; *Criollismo* universal

**N**os escritos de Jorge Luis Borges dos primeiros anos da década de 1920,<sup>1</sup> observa-se que a problemática da linguagem como tema de reflexão não está no centro das preocupações do autor argentino, sendo o texto “Ultraísmo” (1921), um dos poucos exemplos que abordam tal questão. Nesse texto, o jovem Borges refere-se a um grupo de poetas do movimento ultraísta espanhol que tem como únicos objetivos a busca da possibilidade de *rimar anedotas* e a busca de poesia na simplicidade e no comum da vida, ignorando no seu vocabulário qualquer palavra que resulte *prestigiosa*. Nessa forma de fazer poesia, o jovem Borges analisa a utilização da linguagem cotidiana no âmbito poético. Segundo o autor argentino (2007, p. 155), deslocar a *linguagem do cotidiano* para a literatura é um erro, pois na conversa os vocábulos são unidos sem nenhuma ordem e as palavras são distribuídas com uma ambiguidade exagerada. Além disso, acrescenta Borges (2007, p. 155), o medo à retórica é outro inconveniente destes poetas devido ao fato de tal temor resultar em outra retórica tão deliberada e artificial como a retórica acadêmica. As poucas reflexões destes anos da textualidade borgeana sobre o que deve ser uma linguagem adequada, palavras simples ou termos acadêmicos, são os primeiros elementos que, vinculados à noção de linguagem em Borges, constituem as bases onde repousa a sua produção textual do período que neste trabalho se menciona como a sua primeira etapa de escrita. Período que entre os anos 1925 e 1928 abrange os livros em prosa *Inquisiciones* (1925), *El tamaño de mi esperanza* (1926) e *El idioma de los argentinos* (1928).

---

<sup>1</sup> Em 1921 Jorge Luis Borges, com 22 anos de idade, volta a Buenos Aires, após sete anos de permanência na Europa, onde teve contato com grupos de escritores do *ultraísmo*, movimento vanguardista espanhol de começos do século XX, na Espanha, e do expressionismo, na Suíça. Embora estes contatos tivessem influenciado profundamente no autor argentino no referente à procura de uma arte renovada que contasse o novo mundo longe das formas e dos temas tradicionais herdados do passado, a temática da linguagem parece, nas poucas ocasiões em que é tratada nos seus textos anteriores a 1924, estar intimamente ligada ao período que Borges passa especificamente em Genebra. Sobre esse período, deve ser mencionado que possibilita ao autor argentino a leitura de alguns filósofos, como Fritz Mauthner, que abordam a problemática dos alcances da linguagem humana para comunicar ou representar a *realidade*.

Esta primeira etapa ou fase na escrita borgeana denota uma profunda preocupação com a problemática da linguagem. Em linhas gerais, pode-se afirmar que este período reflete uma visão borgeana relacionada a uma ideia de linguagem com caráter regional e marcada pelas possibilidades sensitivas ou de experimentar o *mundo* que proporciona. A linguagem deve estar em consonância com o mundo particular, com o universo sentido pelo falante, com as sensações que ela provoca. Neste sentido, e notando a comunhão existente entre a linguagem e os sentimentos nestes primeiros escritos borgeanos, em "Profesión de fe literaria" podemos ler: "ya he reconocido, entre miles, las nueve o diez palabras que se llevan bien con mi corazón" (BORGES, 1993, p. 132). Mas neste primeiro período também se nota na textualidade do autor argentino a busca de uma linguagem de caráter universal de acordo com uma Buenos Aires em pleno processo modernizador das primeiras décadas de 1900.

### **A problemática linguística da Buenos Aires de 1920**

Borges, desde seu retorno à Argentina em 1921, tenta modelar em sua escrita o tratamento de uma série de problemáticas que lhe possibilitam, por um lado, afirmar-se no campo das letras portenhas e, por outro, obter prestígio e reconhecimento entre seus pares.

Em linhas gerais, essas problemáticas que o autor argentino converte em temas literários versam sobre o contexto histórico-social da Argentina, nas primeiras décadas do século passado. Esse contexto está conformado, basicamente, por dois extremos muito diversos. Um está relacionado com a saída abrupta de um passado rural em que a força do campo é determinante para a construção de uma identidade nacional (os gaúchos, os fazendeiros); o outro se vincula à efervescência moderna que a capital do país atravessa nesses primeiros anos de 1900. Sobre essa particular relação campo-cidade que caracteriza a escrita literária da época, Barrenechea (2000, p. 218) afirma que os escritores argentinos, buscando uma arte que fosse um reflexo fiel da América, elaboraram duas grandes temáticas: o pampa e Buenos Aires.

Assim, esse trabalhar dos escritores entre dois extremos, o antigo e o novo, é o que possibilita ao jovem Borges abordar os temas da sua escrita a partir de uma dupla perspectiva: a que lembra um passado *já perdido* e que alguns escritores consideram a época de ouro da valentia argentina (o gaúcho como protótipo de coragem), e a que vê no futuro de Buenos Aires uma cidade grande e moderna onde a mistura de povos é o elemento que fortalece a união, e não um elemento dissolvente. É preciso lembrar aqui a grande preocupação que causam, nos intelectuais e nos políticos da época, as ideias anarquistas e revolucionárias que algumas facções estrangeiras trazem da Europa e que, olhando o passado ou o futuro, tentam ser eliminadas da cena social.

E a linguagem, entre outros temas da escrita borgeana, também se situa nesse âmbito bilateral que confronta os tempos pretéritos e futuros da nação argentina. Desta forma, o jovem Borges dirige sua produção literária à busca de uma escrita que construa, ao mesmo tempo, uma linguagem regional, que se vincule à história recente de seu país, e uma linguagem universal, que possa ser o ponto de contato entre os argentinos *velhos* (de famílias portenhas tradicionais) e a imensa massa de imigrantes que desde as últimas décadas do século XIX chega ao país.

Sobre o contexto histórico da capital argentina, é preciso lembrar que as massas migratórias chegadas a Buenos Aires a princípio de 1900 não só geram modificações no âmbito político e social do país como atingem quase todas as instâncias da sociedade argentina (religião, economia, literatura), especialmente, a língua. Nas últimas décadas do século XIX e nas primeiras do XX, observa-se uma pronunciada tensão entre várias línguas dentro de um mesmo âmbito territorial. Esta luta/coexistência entre línguas gera, por um lado, modificações nas falas preexistentes ou originárias e, por outro, a aparição de novas características linguísticas na sociedade da época.

Para aprofundar o entendimento do contexto linguístico-literário portenho nos anos posteriores ao retorno de Borges ao seu país, transcrevemos as seguintes afirmações de Pérez (1986, p. 141):

Borges vive en un momento histórico de la sociedad argentina en que puede detectarse una particular tensión de tendencias discursivas divergentes a consecuencia de la activa inmigración, las situaciones de bilingüismo, la movilidad social creada por el crecimiento económico capitalista, que si bien es desigual y con todas las deformaciones propias del subdesarrollo, transforma a Buenos Aires en una gran metrópolis que se beneficia cada vez más del desarrollo industrial y tecnológico. Esto crea una renovación del lenguaje y las formas de expresión, así como el surgimiento de nuevas formas literarias, tanto cultas como populares. En el terreno de la literatura culta el Modernismo lleva adelante la renovación del lenguaje poético, y en la literatura popular, vemos una gran renovación de los géneros bajos a partir de la literatura «gauchesca» del siglo XIX, continuada en el siglo XX por el sainete y, el tango.

Observe-se como, nas considerações de Pérez, o social, traduzido na chegada e assentamento dos imigrantes, o econômico, representado pelo capitalismo florescente, o ambiente cultural e as tensões dos discursos decorrentes da fusão de ideias conformam o contexto ideal para a proliferação de novas línguas. Na Buenos Aires das primeiras décadas de 1900, existem diversas manifestações linguísticas e, conseqüentemente, novas formas de expressão textual.

E é uma dessas formas a que funda a linguagem borgeana dessa primeira etapa, linguagem representada na defesa de um novo *criollismo*<sup>2</sup> que considera como tradição o regional, mas que não esquece o universal. A esse respeito, Borges, no texto “El escritor argentino y la tradición” (2004, p. 272), afirma:

¿Cuál es la tradición argentina? Creo que podemos contestar fácilmente y que no hay problemas con esa pregunta. Creo que nuestra tradición es toda la cultura occidental, y creo también que tenemos derecho a esta tradición, mayor que el que pueden tener los habitantes de una u otra nación occidental.

É notável a referência à *universalidade* da tradição argentina. O autor argentino não limita a tradição de seu país a um âmbito local, mas a estende à

---

<sup>2</sup> O criollismo pode ser entendido como o conjunto de particularidades que identificam o ser nacional do povo argentino. Já no caso da visão borgeana, o criollismo é o autóctone, o próprio, mas também é o que resulta da mistura do historicamente particular com a tradição ocidental e o caráter universal dos povos.

totalidade da cultura ocidental. Este ponto, o aspecto universal da escrita do jovem Borges, evidencia uma preocupação já existente nos albores da sua escrita, o que não permite pensar o autor argentino como um escritor apenas regionalista na sua produção textual entre os anos 1925 e 1928.

A escrita com traços regionais e universais compreende, em Borges, uma estratégia literária utilizada para diagramar uma linguagem especial, diferenciadora, única, que vai além da gauchesca e que renova, com suas reformulações, a literatura naturalista-*criollista* do momento. Em Borges, observamos uma literatura que procura, basicamente, um *idioma nacional* que caracterize uma *argentinidad* até o momento não encontrada unanimemente pela divergência entre a língua dos *criollos* antigos e dos imigrantes. Borges tenta configurar *o nacional* com a sua escrita por caminhos que repousam em outras visões (que misturam *criollismo*, universalismo e vanguardismo) quando procura uma identidade argentina. Sobre este particular, em "El tamaño de mi esperanza", podemos ler: "No quiero ni progresismo ni criollismo en la acepción corriente de esas palabras. [...] Criollismo, pues, pero un criollismo que sea conversador del mundo y del yo, de Dios y de la muerte" (BORGES, 1993, p. 14). Desta maneira, que uma língua seja autóctone e também universal possibilita uma abordagem que vai além do fenômeno linguístico e do subúrbio portenho. Este paralelismo da língua do *criollismo* universal borgeano permite um pensamento que além de linguístico pode ser filosófico, que além de analítico pode ser reflexivo.

Borges, na textualidade do período 1925-1928, deixa entrever que essa identidade se relaciona com um *criollismo* de características diferenciais. Em Borges, existe um *criollismo* que repousa nas margens da cidade, nos limites urbanos que são quase campo. O autóctone, o argentino, o *criollo*, em Borges, não é um espaço de gaúchos, senão de um novo tipo de *criollo* que mora nas fronteiras existentes entre o campo e a cidade; não é uma argentinidad do pampa, senão dos arrabaldes da grande metrópole moderna representada pela Buenos Aires de finais do século XVIII e começos do XIX. Nesta visão do jovem Borges, também a potencial nova literatura argentina e os eventos

essencialmente importantes, que conformam a identidade, estão presentes nesse contexto que permite uma releitura de tudo o que até aquele momento é escrito e dito sobre o país que o autor encontra após seu retorno da Espanha.

Paradoxalmente, assim como este *criollismo* borgeano pode ser explicado como uma visão abarcadora do sentir nacional em épocas de crises de identidade, também pode sê-lo, e achamos factível esta segunda alternativa, como o resultado de uma postura irônica do escritor ante os esforços nacionalistas que tentam colocar nas costas de um protótipo nacional a somatória de diversas raças e culturas.<sup>3</sup>

Esta última postura, que tenta denunciar a impossibilidade de criar uma identidade argentina<sup>4</sup> *uniprototípica*, é também uma tomada de posição frente aos fenômenos linguísticos que, marcados pela heterogeneidade, convertem a Buenos Aires em uma espécie de *Babel* americana. E sobre estes fenômenos linguísticos que atravessam a Buenos Aires das primeiras décadas do século passado, referimos um texto de José Clemente que, descrevendo os diversos extremos geográficos da cidade de Buenos Aires no princípio do século XX, possibilita uma cartografia linguística de imenso valor para a presente dissertação. Este texto se intitula "Mapa idiomático de Buenos Aires" e forma parte do livro *El lenguaje de Buenos Aires* (1963).

---

<sup>3</sup> Também se refere como elemento constitutivo do singular *criollismo* borgeano das margens a especial atração que a temática do arrabalde e a coragem das personagens deste espaço suscitavam no escritor argentino, pois Borges, segundo Cavallaro (2006, p. 64 - 65), desfrutava quando escrevia sobre "hombres de a caballo, cuchilleros, guitarristas, hampones, caudillos de piringundines".

<sup>4</sup> Se o poeta argentino representante do pensamento modernista argentino, Leopoldo Lugones (1874-1938), pode erigir um símbolo argentino vindo do campo com o poema épico de José Hernández (1834-1886), o *Martín Fierro* (1872 e 1876), Borges pode fazer algo similar com personagens das periferias. Esta é uma forma de entender o aspecto irônico e paródico que Borges deixa intuir quando quer depositar na figura de *compadres* ou *compadritos* (heróis e modelos de coragem e valentia) e arrabaldes uma parte da história e da identidade argentina dos portenhos. Os *compadres*, o arrabalde e a Buenos Aires borgeana são temáticas derivadas do estudo e da discussão destes pontos em dois cursos ministrados pelo professor doutor Cláudio Celso Alano da Cruz na Pós-Graduação em Literatura da Universidade Federal de Santa Catarina. O primeiro destes cursos, "Borges, Buenos Aires e a criação de um espaço mitológico", foi ministrado no segundo semestre de 2008 e o segundo, "Poética do subúrbio em Borges", foi ministrado no primeiro semestre de 2009. Ambos resultaram essenciais no entendimento das temáticas citadas.

Nos primeiros parágrafos de “Mapa idiomático de Buenos Aires”, e como caráter introdutório, se observa uma proposta de Clemente (1963, p. 117-9) que sugere pensar a cidade de Buenos Aires como um “chegar sem interrupções”. Um chegar de imigrantes e de argentinos do interior à cidade dos edifícios modernos, o lugar onde as ruas modificam seus nomes e onde aparecem sem cessar monumentos de próceres desconhecidos; um chegar ao espaço onde a clássica mesa de café, a paixão pelas cores do clube favorito e o tango são mito quase universal.

Clemente (1963, p. 120) também cita que a linguagem das cidades cosmopolitas possui um viés sentimental misturado com um especial cuidado acadêmico, e que ambas as expressões, o sentimento e o academicismo, são igualmente válidas no campo literário, dependendo a eleição da preferência ou afeto do povo. O cidadão portenho vive a intimidade de Buenos Aires e também participa dos modismos suburbanos. Mas onde estaria localizado esse morador da cidade de Buenos Aires? Segundo Clemente, pode demarcar-se um mapa com limites imprecisos dessa Buenos Aires moderna. Assim, ao sul da cidade está a Avenida de Mayo, onde as antigas e as novas vozes estão misturadas, onde alguns provincianos moram com espanhóis e onde ainda é representado o drama da colonização e estão as palavras “que vienen de España a continuar la hegemonía magistral y, las originarias del interior, que llegan con igual pureza de sangre, pero con la piel de un sol diferente” (CLEMENTE, 1984, p. 122); ao norte, está a avenida Santa Fé, que é como dizer Paris, Roma, Londres ou dizer Europa e ali se encontram as vozes estrangeiras (Idem, p. 122); na metade dos extremos anteriores, está a avenida Corrientes, rua dos bairros. A linguagem dos bairros chega a Corrientes e se transforma na linguagem de Buenos Aires, sendo esta avenida uma espécie de mapa idiomático de Buenos Aires: “Las palabras, nacidas en los sitios apartados, empiezan a repetirse con inocente orgullo argentino, bajo la luna eléctrica y andariega de Corrientes” (Idem, p. 124). Por último, existe um espaço especial que se conhece como *El bajo*, onde os barcos trazem outros vocábulos que ampliam o idioma dos portenhos e

levam para a Espanha o que no dicionário da Real Academia aparece como *argentinismos* (Idem, p. 124).

Nas ideias cartográficas de Clemente e nas explicações dos fenômenos linguísticos de Pérez, observam-se ao menos dois pontos de contato que explícita ou implicitamente perpassam os comentários realizados em seus textos. Um desses pontos, o explícito, está na confluência de diversas línguas que resultam em um idioma *sui generis* que contamina e influi sobre a língua natural do lugar onde tais fenômenos se produzem. O outro ponto, o solapado, radica nas entrelinhas das descrições dos autores e se vincula à preocupação existente com a problemática linguística de um país que, através da transformação de sua língua, vê afetada o que poderia ser considerada como sua própria identidade.

Esta última preocupação, a que aponta os fenômenos de variações linguísticas vinculados às reflexões que alcançam a problemática da *identidade nacional*, encontrava-se presente em outros textos borgeanos da época, como no caso do ensaio “El idioma de los argentinos” (1928).

### **A questão idiomática nos ensaios borgeanos das primeiras décadas de 1900**

A questão idiomática, ponto que preocupa, entre outros grupos sociais, os intelectuais das primeiras décadas de 1900, pode ser lida no ensaio de Jorge Luis Borges, “El idioma de los argentinos”. Este ensaio, que em 1927 já se encontra nos anais do Instituto Popular de Conferencias, em Buenos Aires (BORGES, 2007, p. 558), é publicado no livro que leva seu mesmo nome, em 1928, e reeditado em *El lenguaje de Buenos Aires*, texto que Borges publica junto com José Luis Clemente, em 1963. Este último texto, além do ensaio citado, reúne uma série de trabalhos que tendem a descrever as transformações linguísticas sofridas pelo idioma espanhol, na Argentina, no período acima citado.

Em “El idioma de los argentinos”, percebem-se as reflexões de Borges sobre a existência de um possível *idioma nacional argentino* pensado com independência do espanhol peninsular. Assim, o autor argentino se refere às particularidades do idioma espanhol falado na Argentina, indica os especiais tons que algumas palavras ganham no país, diferencia esta variante espanhola do *arrabalero*<sup>5</sup> e defende o possível espanhol argentino do pensamento ortodoxo que propõe a imutabilidade da língua peninsular na América.

Borges (2002, p. 145) afirma, em seu ensaio, que *o idioma dos argentinos* deve enfrentar, basicamente, dois problemas. O primeiro é a existência de pessoas que acreditam que o idioma argentino é a fala que se conhece como *arrabalero* nos sainetes (peça teatral curta e independente que se caracteriza por exibir de forma humorística costumes da vida popular); o segundo repousa nos pensamentos dos defensores de um idioma espanhol que não deve sofrer alteração nenhuma para se manter *puro e casto*.

Quanto ao *arrabalero*, no ensaio se refere que existe a crença de que esta particular fala pertence às margens, aos arrabaldes, sendo tal ideia falsa, pois a palavra *arrabalde* não seria geográfica, mas um termo amplo que define situações e não lugares:

Arrabal es todo conventillo del centro. Arrabal es la esquina última de Uriburu, con el paredón final de la Recoleta y los compadritos amargos en un portón y ese desvalido almacén y la blanqueada hilera de casas bajas, en calmosa esperanza, ignoro si de la revolución social o de un organito. Arrabal son esos huecos barrios vacíos en que suele desordenarse Buenos Aires [...]. Arrabal es el rencor obrero [...] y la casita que no se anima a la calle y que detrás de un portón de madera oscura nos resplandece, orillada de un corredor y un patio con plantas. Arrabal es el arrinconado bajo de Núñez con las habitaciones de zinc, y con los puentecitos de tablas sobre el agua delezpada de los zanjones, y con el carro de las varas al aire en el callejón.

---

<sup>5</sup> Neste ensaio e no entendimento de Borges, o *arrabalero* não é mais que um desprendimento do *lunfardo*, forma de falar oculta e codificada dos ladrões e delinquentes, que seria só um vocabulário técnico de um grêmio específico e que não representa nenhum perigo para a língua, pois pensar de outra forma seria como pensar que a linguagem das matemáticas pode passar a ser um idioma ou língua independente ou que o calão dos ciganos pode atentar contra a língua espanhola (BORGES, 1984, p.19).

Arrabal es demasiado contraste para que su voz no cambie nunca (BORGES, 2002, p. 145-6).

No entendimento do autor, não só não existe esse território onde se utiliza o suposto dialeto, como não existe dialeto das classes pobres. O *arrabalero* não é usado pelos *criollos*, nem comumente pelos *compadritos*, que só o utilizam de forma exagerada, nas suas brigas, para demonstrar coragem:

No hay dilecto general de nuestras clases pobres: el arrabalero no lo es, el criollo no lo usa, la mujer lo habla sin ninguna frecuencia, el propio compadrito lo exhibe con evidente y descarada farolería, parra gallear. El vocabulario es misérrimo: una veintena de representaciones o informa y una viciosa turbamulta de sinónimos lo complica (BORGES, 2002, p. 146).

Também sobre este *pseudo-dialeto* que possui um vocabulário limitado, o autor argentino acrescenta que nos sainetes devem inventar-se alguns termos para poder utilizá-lo. Por estas particularidades, as obras literárias clássicas dos arrabaldes (por exemplo, os versos de Evaristo Carriego), assim como a música da cidade, ignoraram este dialeto, apesar de ser conhecido pelos seus autores, *esquecimento* que não causa estranheza, pois os textos literários e as milongas e os primeiros tangos,<sup>6</sup> tratam de *compadres* de bairro (operários, açougueiros), e não de foragidos ou delinquentes (BORGES, 2002, p. 146-7). A pobreza do dialeto citado, o fato de ser ignorado pela literatura clássica e pela música popular, a negação de seu uso pelos moradores de Buenos Aires, são motivos para não dar ao *arrabalero* a categoria de idioma e para desmistificar a comparação de tal dialeto com um possível idioma dos argentinos. Assim, nem o *arrabalero*, nem o *lunfardo* (jargão originariamente utilizado em Buenos Aires e seus arrabaldes por imigrantes, marginais e delinquentes) poderiam alcançar a categoria linguística de idioma.

---

<sup>6</sup> No ensaio "El idioma de los argentinos", Borges refere que os tangos novos foram alcançados pelo *lunfardo* por uma necessidade de alguns escritores simuladores de colocar cor local onde não é necessário. Assim o autor postula um enfrentamento entre a milonga como possuidora da alma dos arrabaldes e de um vocabulário popular e os novos tangos como resultado de uma futilidade internacional de quem os escreve e possuidores de uma terminologia criminal desnecessária (BORGES, 1984, p. 21).

Note-se que as preocupações do autor radicam em uma problemática que abrange a linguagem com uma ótica eminentemente comunicativa, ou seja, que coloca a ênfase de sua reflexão na possibilidade que a linguagem outorga ao homem de poder comunicar suas ideias. Por isso, a primeira noção de linguagem que propõe Borges parece vincular tal conceito com uma acepção que define a linguagem como uma ferramenta de comunicação, como um sistema de signos arbitrários que permitem comunicar ideias entre indivíduos.

Mas definir a linguagem somente como comunicação entre indivíduos ou como mero meio informativo destinado a estabelecer diálogos entre as pessoas é um exercício que pode ser declarado incompleto ao ser estudada a noção de linguagem em Borges. Esta noção parcial de linguagem ignora a dimensão que abrange, entre outras, problemáticas como a relação entre linguagem e pensamento ou a vinculação existente entre a linguagem e a realidade. Assim, para entender a língua em seu aspecto comunicativo e representativo, recorreremos a Ducrot quando explica que parte dos gramáticos, por exemplo, os de Port Royal, entendem a língua como inventada para permitir aos homens comunicar-se, mas também existem correntes de pensamento que afirmam que essa comunicação deve constituir em uma imagem, uma espécie de cópia das estruturas intelectuais (2005, p. 381). Desta forma, entende-se que em termos de linguagem a comunicação e a representação são funções evidentes ao momento de refletir sobre o tema. E para compreender melhor esta última função da linguagem, a representação, referimos os pensamentos de Humboldt sobre a essencialidade da função representativa na história da humanidade: "La lengua no es un simple medio de comunicación [...], sino la expresión del espíritu y la concepción del mundo de los sujetos hablantes (HUMBOLDT *apud* DUCROT, 2005, p. 381). Neste mesmo sentido, Ferro (1998, p. 17) afirma, sobre essa relação linguagem-mundo, que: "La crítica a la concepción tradicional del lenguaje como un 'instrumento' para la designación de entidades independientes del lenguaje o para la comunicación de pensamientos pre lingüísticos aparece como el común denominador del 'giro lingüístico'", o que implica, segundo o autor, reconhecer que a linguagem é

constitutiva do homem na sua relação com o mundo. E sobre o giro linguístico citado pelo crítico argentino e as ideias de Von Humboldt, é pertinente acrescentar que este último filósofo, já no século XIX, anunciava as ideias inovadoras do começo do século XX que, como afirmam Estupiñán e Villena (2007, p. 125), denotam uma evidente ênfase da filosofia na análise linguística e em temas como a *natureza do significado*, a *verdade* ou a *referência*.

E esta função representativa da linguagem também é abordada por Borges em "El idioma de los argentinos", quando postula a problemática da falsa noção de um idioma perfeito no qual qualquer modificação é inútil. Assim, referindo-se ao caso do idioma espanhol, Borges tenta expor a ideia falaz de considerar que uma língua resulta perfeita ou superior a outras pelo acervo de palavras com as quais conta. Neste sentido, menciona o extenso número de termos que compõem o dicionário espanhol, sessenta mil, e que não significam muito, pois, por exemplo, as matemáticas com somente uma dúzia de signos conseguem montar um idioma infinito (BORGES, 2002, p. 149).

Assim, observamos que o aspecto quantitativo de um idioma não determina sua importância, resultando sim, relevante, sua capacidade para criar representações. Sobre o tema, Borges (2002, p. 149-50) explica:

La numerosidad de representaciones es lo que importa, no la de signos. Ésta es superstición aritmética, pedantería, afán de coleccionista y de filatero. Es sabido que el obispo anglicano John Wilkins, el más inteligente utopista en trances de idioma que pensó nunca, planeó un sistema de escritura internacional o simbología que con sólo dos mil cuarenta signos sobre papel pentagramado, sabía inventariar cualquier realidad.

Outra das razões do autor argentino para asseverar que a *riqueza* do espanhol é uma falsidade está vinculada ao fato de que o extenso número de entradas do dicionário só representa longas listas de vozes arcaicas e forâneas que não são utilizadas pelos falantes: "El conjunto es un espectáculo necrológico deliberado y constituye nuestro envidiado tesoro de voces pintorescas, felices y expresivas, según en la Gramática de la Academia se puede leer" (2002, p. 150-1). Note-se que, para o escritor, a plenitude de um

idioma está na qualidade de seu pensamento ou seu sentir e, por isso, essa busca de superioridade pelo número de entradas de um dicionário não passa de um colecionar termos sem sentido. Desta forma, acrescenta Borges (2002, p. 154), se a quantidade de palavras fosse medida de qualidade, o idioma francês, com suas trinta e uma mil acepções, teria vinte e nove mil representações da realidade a menos que o idioma espanhol.

Nestes últimos comentários do autor, pode-se observar uma postura que antepõe a noção de linguagem representativa à comunicativa. E essa preponderância da representação se desprende do fato de se privilegiar as imagens mentais que a linguagem possibilita e do fato de se negar a noção da riqueza de um idioma medido pelo número dos termos que o compõem.

Mas o aspecto representativo da linguagem, neste ensaio borgeano, é complementado pelo comunicativo, como se vê na análise comparativa que Borges (2002, p. 157) faz entre o espanhol dos espanhóis e o dos argentinos:

No hemos variado el sentido intrínseco de las palabras, pero sí su connotación. Esa divergencia, nula en la prosa argumentativa o en la didáctica, es grande en lo que mira a las emociones. Nuestra discusión será hispana, pero nuestro verso, nuestro humorismo, ya son de aquí. Lo emotivo — desolador o alegrador — es asunto de ellas y lo rige la atmósfera de las palabras, no su significado.

Segundo Borges, não existe nenhuma distância quando se trata do entendimento da língua espanhola geral, mas existe um matiz que as diferencia e que, sem deteriorar o aspecto comunicativo, é suficientemente forte, na língua nacional, para representar a pátria argentina.

Os aspectos comunicativos e representativos da linguagem também são tratados no ensaio ao referir que um idioma próprio não significa que existam palavras usadas na Argentina e que não são entendidas na Espanha, mas sim na *temperatura* do termo, no seu ambiente, na sua valoração irônica ou carinhosa, no seu aspecto sentimental, no seu aspecto representativo.<sup>7</sup>

---

<sup>7</sup> Assim se explica como um termo pode gerar representações diversas das esperadas em um plano eminentemente comunicativo. Borges (2002, p. 157-8) assinala como exemplos palavras possuidoras de uma outra *atmosfera* especial na Argentina: *súbdito* e *gozar*, que carregam uma

Os parágrafos finais do ensaio trazem à tona algumas reflexões sobre o que o autor espera da linguagem dos argentinos e alerta, de certa forma, sobre um elemento que já se analisa no ensaio, mas que o próprio Borges desenvolverá com mais profundidade em sua escrita posterior: o aspecto ambíguo da linguagem.

Assim, o texto borgeano deixa entrever nas últimas linhas a ideia de um futuro promissor para sua língua, que se traduz em um porvir com uma especial *entoação argentina* do castelhano. E a exposição dessa confiança em uma língua nacional é seguida, curiosamente, por algumas ideias que se referem a uma noção de linguagem que extrapola as referências ao âmbito linguístico descritivo ou representativo do escrito e se instala no âmbito da desconfiança na linguagem:

Nosotros, los que procuramos la paradoja de comunicarnos con los demás por solas palabras -y esas acostadas en un papel- sabemos bien las verguenzas de nuestro idioma. Nosotros, los renunciadores a ese gran diálogo auxiliar de miradas, de ademanes y de sonrisas, que es la mitad de la conversación y más de la mitad de su encanto, hemos padecido en pobreza propia lo balbuciente que es. Sabemos que no el desocupado jardinero Adán, sino el diablo -esa pifiadora culebra, ese inventor de la equivocación y de la ventura, ese carozo del azar, ese eclipse de ángel- fue el que bautizó las cosas del mundo. Sabemos que el lenguaje es como la luna y tiene su hemisferio de sombra (BORGES, 2002, p. 159).

Nestas últimas metáforas, a ótica do texto se distancia da esperança do narrador sobre a existência de um possível idioma argentino ou da constituição de uma identidade nacional através da língua, para entrar em reflexões sobre o caráter dos idiomas em geral, que vai além do aspecto representativo da língua. A linguagem já não é pensada só como comunicação ou representação, mas também como paradoxo, balbucio, escuridão, enfim, como algo que se presta à desconfiança e à crítica.

---

significação positiva na Espanha e negativa na Argentina; palavras como *linda*, *arrabal* e *pampa* são vozes que não podem ser entendidas em toda sua dimensão pelos peninsulares; palavras como *llovizna* ou *garua* que, sendo espanholas, não são menos argentinas que os termos gauchescos que designam as mesmas coisas; palavras como *pozo* (poça de água), que sendo espanhola é mais conhecida que o termo do campo, *jagüel*, e o supera em argentinidade.

Quando Borges exhibe suas ideias sobre essa condição inevitável da linguagem, sobre essa sombra que deixa mais interrogações do que respostas à hora de transmitir alguma coisa usando como meio as palavras, se instala uma polêmica que se desenvolve na sua escrita de décadas posteriores, mas que já se pode observar com clareza nos escritos de sua primeira fase. Nos textos borgeanos de 1925 a 1928, lembra Bulacio (2003, p. 80), nota-se a crença nas possibilidades de organizar o mundo e de experimentar sensações mediante uma linguagem sensível, mas que convive com outra ideia de linguagem que em seu caráter representativo resulta ineficaz e ambígua. Em Borges, a linguagem é um objeto de reflexão que, embora não seja completa ao momento de comunicar ou de representar algo, é o meio mais eficiente do ser humano para alcançar um entendimento ordenado. Assim, sobre este particular, podemos ler em "Examen de metáforas":

El idioma es un ordenamiento eficaz de esa enigmática abundancia del mundo. Lo que nombramos sustantivo no es sino abreviatura de adjetivos y su falaz probabilidad, muchas veces. En lugar de contar frío, filoso, hiriente, inquebrantable, brillador, puntiagudo, enunciamos puñal; en sustitución de ausencia de sol y progresión de sombra, decimos que anochece. Nadie negará que esa nomenclatura es un grandioso alivio de nuestra cotidianidad (BORGES, 1994, p. 71-2)

### **Considerações finais**

A noção de linguagem como problemática a ser pensada no que concerne a seus limites e possibilidades aparece, em Borges, de forma embrionária, já em seus textos iniciais, escritos que podem ser tidos como o produto da passagem do escritor argentino pela Europa e de sua incursão no movimento de vanguarda denominado *ultraísmo*. Mas são em seus textos do período que abarca os anos 1925 a 1928 que se observa com maior clareza a eclosão da abordagem da língua como temática a ser refletida. Abordagem que tem seu ponto de partida nos problemas que a Buenos Aires de 1920 atravessava devido à excessiva chegada de estrangeiros (vistos como ameaças na moderna sociedade), aos enfáticos posicionamentos nacionalistas e às

primeiras manifestações sociais nascidas de ideologias políticas europeias levadas à Argentina. Estes motivos, somados aos conflitos que rodeiam a crise de identidade de um povo portenho formado por diversas raças e culturas, geram dúvidas ao redor de uma questão essencial: o que é ser argentino? Pergunta que, segundo Borges, foi respondida só parcialmente pelo herói gaúcho Martín Fierro, pois este protótipo de argentino alude unicamente aos moradores do pampa e exclui os habitantes da cidade, espaço que carece de uma figura *criolla* que os represente. Assim, Borges encara a tarefa de desenhar um tratamento singular do Ser nacional que, de uma perspectiva autóctone, chegue à cidade de Buenos Aires, não em seu moderno centro, mas em seus bairros pitorescos, em seus arrabaldes. E é nesse espaço periférico da grande metrópole em formação que o autor argentino recria e mitologiza as personagens que povoavam as margens portenhas até poucos anos antes da chegada do escritor argentino a seu país. E uma das questões que não escapa à reflexão de Borges e que permeia toda sua construção mítica do espaço suburbano é a língua de Buenos Aires. E é na clara tendência ao estudo da língua de Buenos Aires e nas profundas reflexões sobre a linguagem, na sua função comunicativa e/ou representativa que acompanham esse estudo, que se concretiza o *criollismo* universal borgeano. *Criollismo* revelador de uma verdadeira preocupação com a problemática da língua argentina, que, devido à influência dos dialetos estrangeiros e ao posicionamento dos gramáticos que viam no espanhol da Espanha o único modelo a ser seguido, sofria acentuadas mudanças na sua escrita e, sobretudo, na sua oralidade. A defesa da variante idiomática argentina e os ensaios que trazem à tona a língua do subúrbio são os elementos que na preocupação borgeana pela linguagem aproximam a reflexão universal à poética dos bairros. Borges constrói na década de 20 de 1900 uma mitologia, um universo autenticamente literário, com ruas de chão, facas e com compadres como modelo de valor, mas também com uma língua singular para sua Buenos Aires mítica. Uma língua que funde oralidade e escrita, que é de alguns no arrabalde portenho e de todos na biblioteca

borgueana, e que, sem ela, o *criollismo* universal do escritor argentino não teria conseguido falar tão alto.

### Referências bibliográficas

BARRENECHEA, Ana María. *La expresión de la irrealidad en la obra de Borges*. Buenos Aires: Centro Editor de America Latina, 2000.

BORGES, Jorge Luis. *El idioma de los argentinos*. Buenos Aires: Seix Barral, 2002.

BORGES, Jorge Luis; CLEMENTE, José. *El lenguaje de Buenos Aires*. Buenos Aires: Emece, 1984.

\_\_\_\_\_. *El tamaño de mi esperanza*. Buenos Aires: Seix Barral, 1993.

\_\_\_\_\_. *Inquisiciones*. Barcelona: Seix Barral, 1994.

\_\_\_\_\_. *Textos recobrados: 1919-1929*. Buenos Aires: Emecé Editores, 2007a.

\_\_\_\_\_. *Obras completas*. Buenos Aires: Emece, 1963.

BULACIO, Cristina. *Los escándalos de la razón en Jorge Luis Borges*. Buenos Aires: Victoria Ocampo, 2003.

CAVALLARO, Diana. *Jorge Luis Borges*. Buenos Aires: Aguilar, 2006.

DUCROT, Oswald. TODOROV, Tzvetan. *Diccionario enciclopédico de las ciencias del lenguaje*. Buenos Aires: Siglo XXI, 2005.

ESTUPIÑAN, Mireya Cisneros; VILLENA, Omer Silva. *Perspectivas teóricas que explican el lenguaje*. Pereira: Universidad Tecnológica de Pereira, 2007.

FERRO, Roberto. *La ficción*. Buenos Aires: Biblos, 1998.

PÉREZ, Alberto Julián. *Poética de la prosa de Jorge Luis Borges: Hacia una crítica bakhtiniana de la literatura*. Madrid: Gredos, 1986.

---

Artigo recebido em 31/05/2009 e publicado em 13/04/2010